



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

No Cairo, Vieira acusa conselho de “paralisia”

Posição manifestada pelo chanceler foi entendida como um desabafo, devido à derrubada, pelos EUA, da resolução costurada pelo Brasil para a proteção dos civis vítimas do confronto entre Israel e o Hamas. Da reunião no Egito, nada concreto

» HENRIQUE LESSA

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, considera que a “paralisia” do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) tem trazido “consequências prejudiciais para a segurança e a vida de milhões de pessoas”. A crítica foi feita, ontem, na Cúpula Internacional para a Paz, no Cairo, que reuniu representantes de 30 países, além de organizações internacionais — como as Nações Unidas, a União Europeia, a União Africana e a Liga dos Países Árabes. A reunião serviu para tentar uma solução para o conflito entre Israel e o Hamas e mitigar a grave crise humanitária na Faixa de Gaza.

A posição manifestada pelo chanceler brasileiro foi entendida como um desabafo ao fato de os Estados Unidos terem derrubado, na quarta-feira, um acordo para o conflito costurado pelo Brasil — que contou com o apoio de 12 países, entre eles França e China, que têm assento permanente no conselho e poder de veto. Na votação, Rússia e Reino Unido se abstiveram.

Vieira também reforçou a posição do Itamaraty de condenar o ataque terrorista do Hamas e de cobrar uma ação de Israel para evitar a escalada da crise humanitária. “O governo brasileiro rejeita e condena, inequivocamente, os ataques terroristas perpetrados pelo Hamas. Cidadãos brasileiros estão entre as vítimas, três deles foram assassinados. Como muitos outros países, o Brasil também tem cidadãos à espera de serem evacuados

de Gaza, enquanto observamos com alarme a deterioração da situação humanitária na região. Israel, como potência ocupante, tem responsabilidades no âmbito dos direitos humanos internacionais e do direito humanitário. Estas devem ser cumpridas em qualquer circunstância”, cobrou.

Embora a cúpula da capital egípcia não tenha chegado a qualquer solução concreta para o conflito no Oriente Médio, Vieira avaliou o encontro como positivo. Observou que foi consenso entre os participantes “de que é chegada a hora de se negociar uma solução”. “Houve, também, um consenso quanto à criação dos dois estados, independentes, vivendo lado a lado, em paz, com fronteiras internacionalmente reconhecidas”, observou.

Segundo o chanceler, “há a necessidade imediata de uma ajuda humanitária e uma saída humanitária. É indispensável o fim das hostilidades e da violência que tem acontecido, com mortes repetidas e numerosas de ambos, ainda maiores do lado palestino. Uma situação calamitosa”.

Ajuda insuficiente

Mesmo tendo sido vista como um alento, o chanceler disse que são insuficientes os 20 caminhões que cruzaram a fronteira do Egito com Gaza, ontem. “É muito pouco. Conversei com o secretário-geral da ONU (Antônio Guterres), que disse que, para atender as necessidades mínimas, são necessários 100 caminhões por dia. Mas foi um primeiro passo”, observou. Em Gaza, há aproximadamente 2

Khaled Desouki/AFP



O governo brasileiro rejeita e condena, inequivocamente, os ataques terroristas perpetrados pelo Hamas. Cidadãos brasileiros estão entre as vítimas, três deles foram assassinados. Israel, como potência ocupante, tem responsabilidades no âmbito dos direitos humanos internacionais e do direito humanitário. Estas devem ser cumpridas em qualquer circunstância”

Ministro Mauro Vieira, das Relações Exteriores, reforçando a postura brasileira sobre o conflito

milhões de habitantes sitiados há duas semanas.

“Espero que nos próximos dias, amanhã ou depois de amanhã, logo que possível, se

permita a saída dos brasileiros e de nacionais de outros países”, disse Vieira.

E sai hoje o último voo Força Aérea Brasileira (FAB) que faz a

ponte aérea com Israel para a repatriação. Mas, dessa vez, deve trazer uma quantidade maior de cidadãos de países que pediram ajuda ao Brasil — como Bolívia,

Uruguai, Paraguai e Argentina.

A aeronave que chegou ontem trouxe os primeiros três cidadãos de países vizinhos — uma mãe e duas filhas, todas bolivianas, que vieram depois que três brasileiros, apesar de estarem na lista de embarque, não compareceram ao embarque no Aeroporto de Ben Gurion, em Tel Aviv.

Além do último voo que decola hoje de Israel, segue aguardando no Egito a aeronave da Presidência da República escalada para trazer o grupo de aproximadamente 30 brasileiros retidos em Gaza.

Na alma, as marcas da guerra

» EDUARDA PAZ
Especial para o Correio

“Esta é minha quinta guerra e é diferente de todas as outras”. A afirmação, feita com tristeza e amargura, é da professora de matemática Huda AlAssar. Ela viveu 15 anos no Brasil como refugiada e voltou, em 2006, para o sul da Faixa de Gaza, onde está com a família. A falta de água, alimentos, auxílio social, psicológico e o medo constante fazem parte da rotina.

Em 1991, Huda veio para o Brasil. Aqui, construiu família, formou-se em matemática e deu aula em escolas públicas de Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense (RJ).

Em 2006, viajou com os quatro filhos para visitar a família em Gaza, onde pretendia ficar até 2008. No ano de retorno, Israel atacou a região. Huda e a família não conseguiram voltar.

Questionada sobre auxílios psicológicos e sociais durante o conflito, ela relata, emocionada, que são inexistentes. “Ninguém pode ter atendimento agora. Vamos fazer quando acabar. Como sou professora, tento ajudar para oferecer auxílio às crianças. Os pequenos não conseguem esquecer o que viram, os amigos que perderam”, lamenta.

Guerras não são apenas a bombardeios, tiros, mortes e mutilações. São, também, traumas, choques. Segundo a diretora da Federação Árabe Palestina no Brasil (Fepal), Ashjan Sadique Adi, o auxílio é fundamental para as pessoas que vivem os conflitos.

“A guerra afeta o psicológico, o mundo interno. Ocorre um bombardeio mental que gera medo, desespero e aflição. A saúde física é prioridade nessas questões, mas é preciso cuidar da saúde mental”, afirmou a psicóloga social.

Preconceito

A Fepal trabalha junto às comunidades palestinas brasileiras — em torno de 20. Também atua para informar o que ocorre na Palestina e tentar derrubar o preconceito.

“Em Campo Grande (MS), soubemos que um motorista de aplicativo não quis aceitar uma moça — disse que ela era terrorista. É um trabalho (de conscientização) que precisa ser permanente”, ressaltou.

Para a psicóloga clínica e social Reimy Solange Chagas, que atuou como gestora de saúde mental em agências internacionais, o sofrimento da guerra

não é natural. “É sociopolítico e histórico. A pessoa é marcada de tal maneira que prejudica a vida dela”, afirma.

Ela explica que o atendimento em territórios em guerra precisa levar em consideração o contexto geopolítico. A tristeza causa, segundo Reimy, um estado psicológico de luto. Por isso, o auxílio não é simples, ainda mais em territórios de conflito constante.

Quando a pessoa consegue sair do conflito, o serviço assistencial do país que a recebe precisa garantir os direitos necessários. A Cáritas, no Rio de Janeiro, atua em programas de acolhimento e proteção de refugiados. “Muita gente ainda desconhece que essas pessoas sofrem preconceito. Trabalhamos na comunicação com a mídia em geral, nas redes sociais, criando campanhas, contando histórias, pessoas que vão abraçando a causa”, observa a coordenadora do programa de atendimento da Cáritas, a assistente social Aline Thuller.

Os brasileiros que desembarcaram na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, em 14 e 15 de outubro, receberam auxílio de quatro voluntárias. O atendimento foi feito pela Força Nacional do SUS, do Ministério da Saúde.

Arquivo Pessoal



Ninguém pode ter atendimento agora. Vamos fazer quando acabar. Como sou professora, tento ajudar para oferecer auxílio às crianças. Os pequenos não conseguem esquecer o que viram, os amigos que perderam”

Huda AlAssar (com o filho), que se formou professora no Brasil e está retida em Gaza

Segundo Nilton Pereira Junior, diretor do Departamento de Atenção Hospitalar,

Domiciliar e de Urgência da pasta, foram realizados mais de 240 atendimentos.

“Estamos em contato com pessoas que tenham experiência em conflitos, guerras e com refugiados”, afirma.

A psicóloga Fernanda Serpioni é uma das voluntárias. Ela explica que os primeiros atendimentos são importantes para dar suporte. “Na primeira fase, podem aparecer lembranças, sentimentos de medo, sobressalto, taquicardia ou até mesmo garganta seca”, descreve. “A primeira escuta pode levar para outros atendimentos também”, acrescenta.